

DUDA NOGUEIRA



Língua
PORTUGUESA

para Tribunais



**ANALISTA E
TÉCNICO**

2ª edição
Revista e atualizada

2025

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO TEXTUAL

1. INTRODUÇÃO

A maioria dos candidatos possui dificuldade ao interpretar texto. Por quê? Simplesmente porque você não está habituado a ler. Para se criar o gosto pela leitura e eliminar a palavra **medo**, comece a ler revistas e jornais; assim, estará se preparando para duas matérias ao mesmo tempo: português e atualidades. Leia um texto, feche a revista e tente resumi-lo mentalmente. Analise: para que o autor escreveu? Qual o objetivo? Qual o tema (assunto) do texto? Note que o tema se repete na introdução (primeiro parágrafo) e na conclusão (último parágrafo).

Para obter domínio sobre a leitura, precisamos aprofundar, ou melhor, esclarecer alguns importantes tópicos. Vamos a eles:

Texto	É um conjunto de palavras e frases encadeadas que permitem interpretação e transmitem uma mensagem . É qualquer obra escrita em versão original e que constitui um livro ou um documento escrito. Um texto é uma unidade linguística de extensão superior à frase.
Contexto	É a relação entre o texto e a situação em que ele ocorre dentro do texto. É o conjunto de circunstâncias em que se produz a mensagem que se deseja emitir-lugar e tempo, cultura do emissor e do receptor etc. – e que permitem sua correta compreensão.
Intertexto	Os textos podem apresentar referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações. É um texto dentro de outro texto.

Interpretação de texto

A primeira leitura deve ser feita cuidadosamente por ser o primeiro contato com o texto, extraindo-se informações e se preparando para a leitura interpretativa. Sublinhe palavras-chave e ideias importantes; encontre a ideia central de cada parágrafo.

O segundo nível de leitura concentra-se nas perguntas e opções de respostas. Atente-se às palavras NÃO, EXCETO, RESPECTIVAMENTE, INCORRETO, SEMPRE, TODOS, NUNCA, pois fazem diferença na escolha adequada. Retorne ao texto sempre que necessário. Leia a frase anterior e posterior para ter ideia do sentido global proposto pelo autor. A banca nos oferece um texto completo e, nas questões, extrai uma parte do texto para pedir a análise. O segredo é voltar ao texto e ler as informações anteriores e posteriores à parte mencionada. Se fosse para analisar apenas o trecho, não haveria motivo para mencionar o texto completo. Aqui mora o grande segredo.

DICA: diferença entre INTERPRETAR e COMPREENDER¹

A compreensão de texto significa decodificá-lo para entender o que foi dito. É a análise objetiva e a assimilação das palavras e ideias presentes no texto.

As expressões que geralmente se relacionam com a compreensão são:

Segundo o texto...
De acordo com o autor...
No texto...
O texto informa que...
O autor sugere...

A interpretação do texto é o que podemos concluir sobre ele, depois de estabelecer conexões entre o que está escrito e a realidade. São as conclusões que podemos tirar com base nas ideias do autor.

Essa análise ocorre de modo subjetivo, e são relacionadas com a dedução do leitor.

Existe uma ciência que estuda a teoria da interpretação, chamada de hermenêutica. Ela é um ramo da filosofia, que estuda a interpretação de textos em diversas áreas, como literatura, religião e direito.

Na interpretação de texto, as expressões geralmente utilizadas são:

Diante do que foi exposto, podemos concluir...
Infere-se do texto que...
O texto nos permite deduzir que...
Conclui-se do texto que...
O texto possibilita o entendimento de...

1. DIFERENÇA.COM. *Compreensão e interpretação de texto*. Disponível em: <<https://www.diferenca.com/compreensao-e-interpretacao-de-texto/>>. Acesso em: 15 outubro 2018.

Fixe:

	Compreensão	Interpretação
O que é	É a análise do que está escrito no texto, a compreensão das frases e ideias presentes.	É o que podemos concluir sobre o que está escrito no texto. É o modo como interpretamos o conteúdo.
Informação	A informação está presente no texto.	A informação está fora do texto, mas tem conexão com ele.
Análise	Trabalha com a objetividade, com as frases e palavras que estão escritas no texto.	Trabalha com a subjetividade, com o que você entendeu sobre o texto.

2. TIPOLOGIA TEXTUAL²

A expressão “tipologia textual” designa um fragmento de língua (um enunciado) que apresenta certas propriedades linguísticas intrínsecas, ou seja, tipologia textual é o uso de determinadas palavras, determinados tempos verbais, determinadas relações lógicas.

Além dessas marcas linguísticas, cada tipo textual tem um propósito. Em outras palavras, uma narração conta uma história, uma descrição apresenta as características físicas (ou psicológicas) de uma entidade, uma exposição ou dissertação apresenta fatos da realidade, uma argumentação defende uma ideia ou uma tese e uma injunção procura provocar uma reação do interlocutor, seja ela física ou verbal.

3. GÊNEROS TEXTUAIS³

Cada texto possui uma linguagem e uma estrutura. Note que existem inúmeros gêneros textuais dentro das categorias tipológicas de texto. Em outras palavras, gêneros textuais são estruturas textuais peculiares que surgem dos tipos de textos: narrativo, descritivo, dissertativo-argumentativo, expositivo e injuntivo.

a. Narração

Narração é um relato organizado de acontecimentos reais ou imaginários. São seus elementos constitutivos: personagens, circunstâncias, ação; o seu núcleo é o incidente, o episódio, e o que a distingue da descrição é a presença de personagens atuantes, que estão quase sempre em conflito.

A Narração envolve:

2. ALGO SOBRE. *Tipologia textual*. Disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/redacao/tipologia-textual.html>>. Acesso em: 15 outubro 2018, com adaptações.
3. TODA MATÉRIA. *Gêneros textuais*. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/generos-textuais/>>. Acesso em: 15 outubro 2018.

Quem? Personagem;
Quê? Fatos, enredo;
Quando? A época em que ocorreram os acontecimentos;
Onde? O lugar da ocorrência;
Como? O modo como se desenvolveram os acontecimentos;
Por quê? A causa dos acontecimentos.

Alguns exemplos de gêneros textuais narrativos:
Romance
Novela
Crônica
Contos de Fada
Fábula
Lendas

b. Descrição

Descrever é representar verbalmente um objeto, uma pessoa, um lugar, mediante a indicação de aspectos característicos, de pormenores individualizantes. Requer observação cuidadosa, para tornar aquilo que vai ser descrito um modelo inconfundível. Não se trata de enumerar uma série de elementos, mas de captar os traços capazes de transmitir uma impressão autêntica. Descrever é mais que apontar, é muito mais que fotografar. É pintar, é criar. Por isso, impõe-se o uso de palavras específicas, exatas.

São exemplos de gêneros textuais descritivos:
Diário
Relatos (viagens, históricos, etc.)
Biografia e autobiografia
Notícia
Currículo
Lista de compras
Cardápio
Anúncios de classificados

c. Dissertação/Exposição

O texto dissertativo expõe, analisa e interpreta os fatos da realidade. Ele é temático, ou seja, focaliza um assunto de caráter genérico, analisando-o, avaliando-o e explicando-o. Não estão em jogo propriedades concretas dos seres, nem mesmo as mudanças de eventos e estados; o que interessa numa dissertação é uma visão genérica e global do tema. Sendo assim, há uma predominância de termos abstratos. São relatadas mudanças de situação; no entanto,

diferentemente do texto narrativo, não há necessariamente relações de anterioridade ou cronologia. Os enunciados se baseiam em relações lógicas – de analogia, causalidade, implicação etc. Como o texto dissertativo pretende expor verdades gerais, **predominam as formas verbais no presente**, embora outros tempos contribuam para veicular as noções lógicas das situações.

Exemplos de gêneros textuais dissertativos:

Editorial jornalístico

Carta de opinião

Resenha

Artigo

Ensaio

Monografia, dissertação de mestrado e tese de doutorado

Alguns exemplos de gêneros textuais expositivos:

Seminários

Palestras

Conferências

Entrevistas

Trabalhos acadêmicos

Enciclopédia

Verbetes de dicionários

d. Argumentação

Textos argumentativos são aqueles que tentam agir sobre o receptor. Ou seja, além de informar algo, num texto argumentativo, o autor busca convencer o leitor, fazê-lo crer na informação veiculada ou induzi-lo a agir de uma certa forma. A palavra-chave para definir um texto argumentativo é a persuasão. Contudo, o ato de persuadir pode tomar muitas faces, uma vez que cada receptor está mais propenso a aceitar argumentos de um tipo ou de outro. Da mesma forma, os recursos linguísticos usados com o objetivo de convencer vão ser inúmeros.

Argumentos podem se fundamentar, por exemplo, na autoridade, quando o emissor cita autores ou personalidades que contam com notório saber em alguma área. Argumentos podem se fundamentar também no consenso, quando certas proposições são consideradas e aceitas como verdadeiras. Argumentos também podem se fundamentar na lógica, em que relações de causa e efeito são levadas em conta. Argumentos podem se basear ainda em evidências, sendo que provas concretas constituem uma das mais eficazes formas de persuasão.

Para cada modalidade de argumento, há estratégias linguísticas eficientes. E o interessante é que as mesmas estratégias linguísticas podem ser usadas com eficiência, mesmo na falta de argumentos irrefutáveis.

e. Injunção

O texto injuntivo é centrado na ação ou procedimento, indicando o que fazer para realizá-la (lembrar, preparar...; ajustar, pressionar...). Há uma interação explícita entre os interlocutores e o falante procura provocar uma reação do ouvinte (pressione o botão select durante 2 segundos).

Assim, há uma grande incidência de **formas verbais no imperativo** (vamos cá para dentro, espera aí um momento...; repita os movimentos anteriores...), assim como a **existência de perguntas** (- Mas o que é?).

Alguns exemplos de gêneros textuais injuntivos:

Propaganda
 Receita culinária
 Bula de remédio
 Manual de instruções
 Regulamento
 Textos prescritivos

3.1. Gêneros literários

Gênero Narrativo	Na Antiguidade Clássica: épico, lírico e dramático. Épico passou a ser considerado apenas uma variante do gênero literário narrativo, devido ao surgimento de concepções de prosa com características diferentes: o romance, a novela, o conto, a crônica, a fábula. Todas as obras narrativas possuem elementos estruturais e estilísticos em comum e devem responder a questionamentos, como: quem? o quê? quando? onde? por quê?	
	Épico (ou Epopeia)	Textos épicos são longos e narram histórias de um povo ou de uma nação, envolvem aventuras, guerras, viagens, gestos heróicos etc. Apresentam um tom de exaltação, valorização de seus heróis e seus feitos.
	Romance	É um texto completo, com tempo, espaço e personagens bem definidos e de caráter mais verossímil. Conta as façanhas de um herói, mas principalmente uma história de amor vivida por ele e uma mulher, muitas vezes, “proibida” para ele. Apesar dos obstáculos que o separam, o casal vive sua paixão proibida, física, adúltera, pecaminosa e, por isso, costuma ser punido no final. É o tipo de narrativa mais comum na Idade Média.
	Novela	Texto caracterizado por ser intermediário entre a longevidade do romance e a brevidade do conto. O Alienista, de Machado de Assis, e A Metamorfose, de Kafka são exemplos.
	Conto	Texto narrativo breve, e de ficção, geralmente em prosa, que conta situações rotineiras, anedotas e até folclores (conto popular). Caracteriza-se por personagens previamente retratados.
	Fábula	Texto de caráter fantástico que busca ser inverossímil. As personagens principais são não humanos e a finalidade é transmitir alguma lição de moral.
	Crônica	Narrativa informal, breve, ligada à vida cotidiana , com linguagem coloquial. Pode ter um tom humorístico ou um toque de crítica indireta.
	Crônica narrativo-descritiva	Há alternância entre os momentos narrativos e manifestos descritivos.
	Ensaio	Texto literário breve, situado entre o poético e o didático, expondo ideias, críticas e reflexões morais e filosóficas a respeito de certo tema. É menos formal e mais flexível que o tratado. Há defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema sem que se pautem em formalidades.

3.2. Gêneros dramáticos

Por serem pouco exigidos em concursos, apenas citaremos os tipos: tragédia, farsa, comédia, tragicomédia e poesia de cordel.

3.3. Gêneros líricos

Outro tópico pouco pedido. São eles: elegia, epitalâmia, ode, idílio, sátira, acalanto, acróstico, balada, canção, gazal, haicai, soneto, vilancete.

4. DICAS PARA INTERPRETAR

As dicas abaixo devem ser seguidas para treinar, para exercitar nas questões de concursos inseridas no tópico seguinte. Treine para que, no dia da prova, consiga não perder muito tempo.

1	Ler todo o texto: tenha uma visão geral do assunto;
2	se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura;
3	ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos duas vezes;
4	inferir (concluir ou deduzir a partir de exame dos fatos e de raciocínio);
5	voltar ao texto tantas quantas vezes precisar;
6	não permitir que prevaleçam suas ideias sobre as do autor;
7	fragmentar o texto (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
8	verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
9	o autor defende ideias e você deve percebê-las.

5. DISCURSO DIRETO E DISCURSO INDIRETO

Discurso direto é a transcrição exata da fala das personagens, sem participação do narrador.

Discurso indireto é a intervenção do narrador no discurso ao utilizar as suas próprias palavras para reproduzir as falas das personagens.

DICAS de transposição do discurso direto para o indireto

5.1. Mudança das pessoas do discurso

Discurso direto	Discurso indireto
primeira pessoa	terceira pessoa
eu, me, mim, comigo	ele, ela, se, si, consigo, o, a, lhe
nós, nos, conosco	eles, elas, os, as, lhes
meu, meus, minha, minhas, nosso, nossos, nossa, nossas	seu, seus, sua e suas

5.2. Mudança de tempos verbais

Discurso direto	Discurso indireto
<i>Presente do indicativo</i>	<i>pretérito imperfeito do indicativo</i>
<i>Pretérito perfeito do indicativo</i>	<i>pretérito mais-que-perfeito do indicativo</i>
<i>Futuro do presente do indicativo</i>	<i>futuro do pretérito do indicativo</i>
<i>Presente do subjuntivo</i>	<i>pretérito imperfeito do subjuntivo</i>
<i>Futuro do subjuntivo</i>	
<i>Imperativo</i>	

5.3. Mudança na pontuação das frases

Discurso direto	Discurso indireto
<i>Frases interrogativas, exclamativas e imperativas</i>	<i>frases declarativas</i> (o emissor constata um fato – informa ou declara alguma coisa)

5.4. Mudança dos advérbios e adjuntos adverbiais

Discurso direto	Discurso indireto
<i>Ontem</i>	<i>no dia anterior</i>
<i>Hoje</i>	<i>naquele dia e naquele momento</i>
<i>Amanhã</i>	<i>no dia seguinte</i>
<i>Aqui, aí, cá</i>	<i>ali e lá</i>
<i>Este, esta e isto</i>	<i>aquele, aquela, aquilo</i>

6. ARGUMENTAÇÃO⁴

A argumentação é um recurso que tem o propósito de convencer alguém, alterando sua opinião ou seu comportamento.

Os argumentos, na construção textual, são essenciais.

Há diferentes tipos de argumentos e a escolha certa consolida o texto.

6.1. Argumentação por citação

Sempre que queremos defender uma ideia, procuramos pessoas ‘consagradas’, que pensam como nós acerca do tema em evidência.

Apresentamos no corpo de nosso texto a menção de uma informação extraída de outra fonte.

4. CABRAL, Marina. Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/a-argumentacao.htm>>. Com alterações. Acesso em 14 agosto 2017.

A citação pode ser apresentada assim:

Assim parece ser porque, para Piaget, “toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (Piaget, 1994, p.11). A essência da moral é o respeito às regras. A capacidade intelectual de compreender que a regra expressa uma racionalidade em si mesma equilibrada.

O trecho citado deve estar de acordo com as ideias do texto, assim, tal estratégia poderá funcionar bem.

6.2. Argumentação por comprovação

A sustentação da argumentação se dará a partir das informações apresentadas (dados, estatísticas, percentuais) que a acompanham.

Esse recurso é explorado quando o objetivo é contestar um ponto de vista equivocado.

O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado.

Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula.

O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).

(Mônica Bergamo. Folha de S. Paulo, 3.12.2003)

Nesse tipo de citação o autor precisa de dados que demonstrem sua tese.

6.3. Argumentação por raciocínio lógico

A criação de relações de causa e efeito é um recurso utilizado para demonstrar que uma conclusão (afirmada no texto) é necessária, e não fruto de uma interpretação pessoal que pode ser contestada.

“O fumo é o mais grave problema de saúde pública no Brasil. Assim como não admitimos que os comerciantes de maconha, crack ou heroína façam propaganda para os nossos filhos na TV, todas as formas de publicidade do cigarro deveriam ser proibidas terminantemente. Para os desobedientes, cadeia.”

VARELLA, Drauzio. In: Folha de S. Paulo, 20 de maio de 2000.

Para a construção de um bom texto argumentativo faz-se necessário o conhecimento sobre a questão proposta, fundamentação para que seja realizado com sucesso.

7. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS⁵

Pressupostos e subentendidos são informações implícitas num texto, não expressas formalmente, apenas sugeridas por marcas linguísticas ou pelo contexto. Cabe ao leitor,

5. NORMA CULTA. Disponível em <<https://www.normaculta.com.br/pressuposto-e-subentendido/>>. Acesso em 14 agosto 2017.

numa leitura proficiente, ir além da informação que se encontra explícita, identificando e compreendendo as informações implícitas, ou seja, lendo nas entrelinhas.

Os pressupostos são de mais fácil identificação, estando sugeridos no texto. Os subentendidos são deduzidos pelo leitor, sendo da sua responsabilidade.

Entenda melhor:

- Heloísa está cansada de ser professora.

Pressuposto: Heloísa é professora.

Subentendido: Talvez porque o salário é baixo ou há muita indisciplina.

- Infelizmente, meu marido continua trabalhando fora do país **Pressuposto:** O marido está trabalhando fora do país e a mulher não está satisfeita com essa situação.

Subentendido: Talvez por ter melhor salário fora do país ou por não encontrar trabalho no seu país.

7.1. Pressupostos

Os pressupostos são informações implícitas adicionais, facilmente compreendidas devido a palavras ou expressões presentes na frase que permitem ao leitor compreender essa informação implícita. O enunciado depende dessa pressuposição para que faça sentido. Assim, o pressuposto é verdadeiro e irrefutável.

Exemplos de pressupostos:

- Decidi deixar de comer carne.

Pressuposto: A pessoa comia carne antes.

- Finalmente acabei minha monografia.

Pressuposto: Demorou algum tempo para terminar a monografia.

- Alunos que estudam de manhã costumam ter melhor rendimento.

Pressuposto: Há alunos que não estudam de manhã.

- Desde que ela mudou de casa, nunca mais a vi.

Pressuposto: Costumava vê-la antes dela mudar de casa.

Marcas linguísticas que facilitam a identificação de pressupostos:

- Verbos que indicam fim, continuidade, mudança e implicações: começar, continuar, parar, deixar, acabar, conseguir, ...
- Advérbios: felizmente, finalmente, ainda, já, depois, antes, ...
- Pronome introdutório de orações subordinadas adjetivas: que
- Locuções que indicam circunstâncias: depois que, antes que, desde que, visto que, ...

7.2. Subentendidos

Os subentendidos são insinuações, informações escondidas, dependentes da interpretação do leitor. Não possuem marca linguística, sendo deduzidos através do contexto comunicacional e do conhecimento que os destinatários têm do mundo. Podem ser ou não verdadeiros e podem ser facilmente negados, visto serem unicamente da responsabilidade de quem interpreta a frase.

Exemplos de subentendidos:

- Quando sair de casa, não se esqueça de levar um casaco.

Subentendido: Está frio lá fora.

- Já tenho a garganta seca de tanto falar.

Subentendidos: Quero beber um copo de água ou quero parar de falar neste momento.

- Você vai a pé para casa agora?

Subentendidos: Eu posso lhe dar uma carona ou é perigoso andar a pé na rua a estas horas.

8. NÍVEIS DE LINGUAGEM⁶

A interação verbal entre os sujeitos é possível por meio das palavras e pode ser realizada por meio da fala e/ou da escrita. Dependendo da situação comunicativa, os usuários das línguas podem eleger qualquer um dos diferentes níveis de linguagem para interagir verbalmente com os outros. Isso significa que existem linguagens diferentes para ocasiões distintas, ou seja, em toda situação comunicativa, os falantes elegem o nível de linguagem mais adequado para que tanto o emissor quanto o receptor das mensagens possam compreender e ser compreendidos.

Nível 1: Norma culta/padrão

Cada língua possui sua estrutura e muitas delas possuem um conjunto de regras responsável pelo funcionamento dos elementos linguísticos. Esse conjunto de regras é conhecido como gramática normativa. Nela, os usuários da língua encontram a norma-padrão de funcionamento da língua chamada de “padrão ou culta”, a qual deve, ou pelo menos deveria, ser de conhecimento e acessível a todos os falantes da mesma comunidade linguística.

Utilizar a norma culta da língua portuguesa não significa comunicar-se de maneira difícil e rebuscada. Embora a língua padrão seja atribuído certo prestígio cultural e status social, o uso da linguagem culta está menos relacionado à questão estética e muito mais associado à sua democratização, já que esse é o nível de linguagem ensinado nas escolas, nos manuais didáticos, cartilhas e dicionários das línguas etc.

Nível 2: Linguagem coloquial/informal/popular

A linguagem coloquial é aquela utilizada de maneira mais espontânea e corriqueira. Esse nível de linguagem não segue a rigor todas as regras da gramática normativa, pois está mais preocupado com a função da linguagem do que com a forma. Ao utilizar a linguagem coloquial, o falante está mais preocupado em transmitir o conteúdo da mensagem do que como esse conteúdo vai ser estruturado.

De maneira geral, os falantes utilizam a linguagem coloquial nas situações comunicativas mais informais, isto é, nos diálogos entre amigos, familiares etc.

Nível 3: Linguagem regional/regionalismo

A linguagem regional está relacionada com as variações ocorridas, principalmente na fala, nas mais variadas comunidades linguísticas. Essas variações são também chamadas

6. MUNDO EDUCAÇÃO. Disponível em <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/niveis-linguagem.htm>>. Acesso em 14 agosto 2017.

de dialetos. O Brasil, por exemplo, apresenta uma imensa variedade de regionalismos na fala dos usuários nativos de cada uma de suas cinco regiões.

Nível 4: Gírias

A gíria é um estilo associado à linguagem coloquial/popular como meio de expressão cotidiana. Ela está relacionada ao cotidiano de certos grupos sociais e podem ser incorporadas ao léxico de uma língua conforme sua intensidade e frequência de uso pelos falantes, mas, de maneira geral, as palavras ou expressões provenientes das gírias são utilizadas durante um tempo por um certo grupo de usuários e depois são substituídas por outras por outros usuários de outras gerações. É o caso, por exemplo, de uma gíria bastante utilizada pelos falantes nas décadas de 80 e 90: “chuchu, beleza”, mas que, atualmente, está quase obsoleta.

Nível 5: Linguagem vulgar

A linguagem vulgar é exatamente oposta à linguagem culta/padrão. As estruturas gramaticais não seguem regras ou normas de funcionamento. O mais interessante é que, mesmo de maneira bem rudimentar, os falantes conseguem compreender a mensagem e seus efeitos de sentido nas trocas de mensagens. Podemos considerar a linguagem vulgar como sendo um vício de linguagem. Veja alguns exemplos bastante recorrentes em nossa língua: “Nóis vai”, “Pra mim ir”, “Vamo ir”.

9. FIQUE DE OLHO

- Fundamental saber a diferença entre compreender e interpretar:

	Definição	Expressões usadas no comando da questão
Interpretar	consiste em saber a conclusão do que está escrito, a ideia está fora do texto.	depreende-se/inferir-se/conclui-se do texto; o texto permite deduzir; é possível subentender a partir do texto; qual a intenção do autor quando afirma; o texto possibilita o entendimento; com o apoio do texto; o texto encaminha o leitor para; pretende o texto mostrar que o leitor...; o texto possibilita deduzir.
Compreender	consiste em analisar o que realmente está escrito, é necessário coletar dados do texto. A ideia está no texto.	segundo o texto; o autor/narrador do texto diz; o texto informa; no texto; tendo em vista o texto; de acordo com o texto; o autor sugere; o autor afirma; na opinião do autor do texto.

9.1. Questões comentadas

Texto CB1A1-I

O aforismo “o cliente sempre tem razão” é bastante conhecido e muito citado como argumento econômico. Justifica-se para manter a fidelidade dos consumidores e a lojas a fim de evitar que a insatisfação individual se torne uma indesejada propaganda negativa.

Será que, sob a ótica jurídica, a afirmativa corresponde à realidade? Não! O cliente (consumidor) só tem razão quando o direito, a lei, lhe dá amparo.